

Jornalista formado pela Universidade de São Paulo (USP), trabalhou em agências de notícias e redes de TV. Dirigiu *Antes, Um Dia e Depois* (2006), *A Casa da Vó Neyde* (2011), *Jaci, Sete Pecados de uma Obra Amazônica* (2015), *Entre os Homens de Bem* (2016) e *Cercados* (2020)

**Revista CINEstesia: Quais foram as principais consequências da pandemia para o cinema brasileiro? E quais são as perspectivas para o futuro, com relação à dinâmica de trabalho e aos investimentos?**

**Caio Cavechini:** Eu estou em uma posição muito particular, que é estar trabalhando para uma grande plataforma de streaming com foco em documentários de atualidades. Então, é claro que para mim é bastante diferente do que aconteceu com outros realizadores de cinema, mas me parece que existem duas grandes dificuldades

na pandemia. A primeira é o sair para a rua, é você ter contato com as pessoas e juntar equipes; o ambiente de pandemia tornou isso muito mais difícil. E a segunda é a radicalização de um governo que já era extremamente antagônico ao setor cultural, principalmente com relação às políticas públicas para a área audiovisual. Com relação ao futuro, eu acho que a chegada das plataformas de *streaming* no cinema traz uma certa competição, que vai gerar oportunidades para alguns realizadores. Mas ainda existe um campo, a produção independente e mais autoral, que ainda está prejudicado com a continuidade do governo atual.

**Revista CINEstesia: O setor cultural foi muito afetado pela pandemia e a Lei Aldir Blanc serviu como alternativa para o enfrentamento dessas vulnerabilidades. Como você enxerga os auxílios voltados para cultura na pandemia?**

**Caio Cavechini:** Eu acho importante para toda a produção cultural, que foi tão afetada pela falta de presença de público. Não só o cinema, que ainda você consegue manter uma atividade através de outros meios e outras telas, mas o teatro e a música foram bastante impactados e eu não digo só dos grandes centros, mas os pequenos artistas de pequenas cidades.

**Revista CINEstesia: *Cercados* (2020) é um filme que fala um pouco sobre a pandemia, mais especificamente sobre o combate ao negacionismo, mas ao longo desse período vimos outros filmes também abordando temáticas**

**pandêmicas. Na sua opinião quais temas vão ser recorrentes na indústria cinematográfica no pós pandemia?**

**Caio Cavechini:** Acho que o isolamento social gerou uma situação que a gente não imaginava e gerou uma situação de “forçar” realizadores e autores a criar. Então, podemos ter, na linha da ficção, trabalhos que envolvem realismo fantástico - imaginar esse isolamento social que perdura por décadas. Podemos ter também documentários que explorem aspectos mais íntimos, como o social ou diversos tipos de perdas e luto. Acho que a produção audiovisual está muito descentralizada, então em casos de impossibilidade de sair na rua, podem surgir diários de isolamento, muitos trabalhos gravados com criatividade dentro de casa.

**Revista CINEstesia: Para você, como o cinema pode ser uma ferramenta de luta em um período como o que vivemos?**

**Caio Cavechini:** Não só de luta, mas de memória também. O *Cercados* (2020) tem esses dois objetivos a cumprir. Queríamos registrar o trabalho da imprensa nesse momento, porque já havia uma hostilidade, com a chegada de toda uma nova forma de comunicação - como o *WhatsApp*, que surtiu o aparecimento de narrativas hiper partidárias e *fake news* - que colocou a imprensa numa situação de confronto com essa nova forma de ver ou até, em alguns casos, de inventar a realidade. Por outro lado, a pandemia também colocou a informação confiável e de qualidade como uma questão de saúde pública. Então, é claro que um primeiro desejo de qualquer documentário é o registro da memória daquilo que se viveu. No caso do *Cercados* (2020), especificamente, a gente também teve uma preocupação de fazer isso de forma rápida e lançar ainda durante a pandemia, com uma esperança também de conscientização e de dar uma ferramenta de crítica às

pessoas, porque enquanto estamos vivendo algo, tendemos a normalizar situações absurdas. O alcance disso ainda é incerto, mas talvez seja mais um elemento nessa tomada de consciência pública sobre o perigo do negacionismo.

**Revista CINEstesia: E como foi a produção e direção do filme “Cercados” durante a pandemia? Quais foram os maiores desafios?**

**Caio Cavechini:** O maior desafio foi o acesso. Em primeiro lugar, os jornalistas já estão a todo tempo falando, se manifestando, andando, se posicionando em vários lugares. A gente não queria fazer um documentário de entrevista em que os jornalistas falassem o que viveram no cotidiano. Queríamos que fosse um documentário de observação e, nesse sentido, o principal desafio foi o acesso às redações e a esses jornalistas para registrar o trabalho enquanto estava acontecendo. Para isso, tínhamos equipes em cinco cidades: São Paulo, Rio

de Janeiro, Brasília, Manaus e Fortaleza tentando dar conta desse desafio que é registrar as coisas em tempo real. Depois, um segundo desafio gigantesco é dar conta desse material, estávamos gravando muita coisa durante muito tempo.

**Revista CINEstesia: *Cercados* (2020) expõe os inúmeros ataques do presidente Bolsonaro contra a imprensa, você diria que a liberdade de expressão está sendo ameaçada? Se sim, como reverter esse cenário?**

**Caio Cavechini:** Eu acho que a liberdade de expressão ainda não está sob ameaça, mas existe um desejo antidemocrático por parte do governo e por parte da população também. Esse desejo e pensamento antidemocrático se manifesta muitas vezes atacando quem se coloca de forma crítica ao governo. Mas ainda não temos uma situação em que as pessoas são proibidas de se manifestar. Dependendo de quem se

manifesta, temos retaliações e ataques que podem ser menores ou maiores. Acho que isso mostra que temos um “caldo” cultural de polarização que pode levar a um cerceamento da liberdade de expressão, e temos vários exemplos graves disso, como professores de universidades, funcionários públicos e personalidades públicas sofrendo ataques e intimidação, mas eu não diria que já estamos vivendo um ambiente desse porte.

**Revista CINEstesia: Durante a pandemia, em meio às crises sanitária, política e humanitária, os temas que dominam a imprensa são, predominantemente, “negativos”, para dizer o mínimo. Como abordar tais assuntos sem tornar a imprensa em um ambiente derrotista e afastar o público?**

**Caio Cavechini:** É difícil mesmo, porque você tem um discurso hiper partidário e uma dinâmica das redes sociais que privilegia o discurso,

digamos, mais radical, o discurso de lacração, e qualquer ponderação, por mais que ela exista, sempre terá um menor alcance diante do de um discurso de mais de enfrentamento, mais partidário. Acho que uma das formas de evitar isso é a imprensa tentar buscar outras linguagens, procurar se conectar com esse público, entender o que o leva a abraçar discursos extremistas e contar histórias, porque é uma forma de conexão e tem a capacidade de tornar a sociedade um local de diálogo novamente.

**Revista CINEstesia: Você acredita que a imprensa negligenciou alguma pauta da pandemia? Se sim, qual(is)?**

**Caio Cavechini:** Não sei, acho que foi uma cobertura extremamente difícil do começo ao fim. Acho que os jornalistas estiveram muito atentos ao que estava acontecendo na sociedade, tanto nessa crise política nacional quanto nos exemplos internacionais. Acredito

que a imprensa fracassou em utilizar a experiência internacional no combate da pandemia, como no caso do isolamento social ou na rejeição de discursos que pregavam uma falsa dicotomia entre economia e saúde.

**Revista CINEstesia: Em sua opinião, qual é a maior luta pandêmica no Brasil?**

**Caio Cavechini:** Para mim, uma das maiores ameaças é o negacionismo. Claro que temos uma série de outras lutas, como a crise econômica, a necessidade de auxílio emergencial, a abertura das escolas e a questão da saúde mental. Mas acredito que a primeira luta é a sanitária, que precede a econômica, principalmente com a propagação de um falso antagonismo entre preservar a economia e preservar vidas.